O "CÃO TINHOSO" E O OLHAR DO NARRADOR-MENINO: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS OBRAS DE LUÍS BERNARDO HONWANA E ONDJAKI

Keith Glauk Menezes de Andrade

Universidade Federal de Campina Grande.
keith.midias@gmail.com

Resumo: O conto "Nós matamos o cão tinhoso", do livro com mesmo título, publicado, em 1964, pelo escritor moçambicano Luís Bernardo Honwana, foi produzido no período em que esteve preso por participar da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e ansiava pela libertação de seu povo do domínio de Portugal. O livro nasceu com o objetivo de explicitar o racismo do poder colonial português, chegando a exercer, na época de sua publicação, uma influência importante na geração pós-colonial de escritores e não apenas moçambicanos. Uma prova clara de que os textos ali apresentados são atemporais é que Ndalu de Almeida, escritor angolano, popularmente conhecido como Ondjaki, pôde, após mais de 40 anos, interagir com o conto de Honwana, produzindo "Nós choramos pelo cão tinhoso", narrativa escrita, semelhante ao conto moçambicano, ou seja, sob o olhar de um menino. Para explicitar essa intertextualidade elencamos como objetivo geral: Refletir sobre como os textos de Honwana e Ondjaki comungam de aspectos estruturais, linguísticos e históricos e como objetivos específicos: descrever como se dão as semelhanças entre os contos, verificando como tais aspectos ultrapassam os limites do texto. A partir da leitura dos contos podemos concluir que os textos se imbricam de tal forma e se completam num misto de sentimentos que atingem o narrador-menino, um misto de terror, medo e tristeza.

Palavras-chave: Conto; Intertextualidade; Infância.

INTRODUÇÃO

A literatura africana, sobretudo a produzida por Luís Bernardo Honwana, apresenta, seja de forma explícita ou mais velada, os ditames de uma colonização marcada pela violência, o que gerou muito sofrimento para o povo. À época da produção de "*Nós matamos o cão tinhoso"* o autor ansiava pela libertação de sua gente e se engajava na Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), o que o levou à prisão.

Anos após sua publicação, a obra continua a sensibilizar leitores e a fazer refletir sobre aquele período de repressão a que o povo moçambicano foi submetido. E isso é evidenciado no dialogismo entre a obra de Honwana e a de outro escritor africano, desta vez um angolano, Ndalu de Almeida, mais conhecido como Ondjaki. A partir do conto *"Nós choramos pelo cão tinhoso"*, publicado mais de quarenta anos após o primeiro, podemos compreender como se dá essa relação entre presente/passado e a evidência da dor, a partir do olhar de um menino. Sob esta ótica, podemos dizer que há neles muito mais do que um dialogismo ou

intertextualidade, trata-se de uma intersecção de ideias, uma cumplicidade, conforme veremos a partir da análise.

Desse modo, nosso artigo se justifica não apenas pela necessidade de conhecermos as obras africanas, mas sermos capazes de compreender como se deu o processo histórico de suas produções, a luta pela permanência da cultura local e ainda, a denúncia do que era vivenciado na época, entre outros aspectos. Para isso, tomamos como objetivo geral, refletir sobre como os textos de Honwana e Ondjaki comungam em seus aspectos estruturais, linguísticos e históricos e, como objetivos específicos, descrever como se dão as semelhanças entre os contos e verificar como tais aspectos ultrapassam os limites do texto.

Para a realização da análise nos detemos, inicialmente, na leitura dos contos de Honwana e de Ondjaki, selecionando aspectos semelhantes entre ambos, para, em seguida, buscar um referencial teórico que nos desse aporte para embasar nossas descobertas. Sendo assim, nos atemos à pesquisa de cunho bibliográfica, já que nos pautamos apenas na leitura de artigos.

1. DIALOGISMO E INTERTEXTUALIDADE

Já no início do conto de Ondjaki, "Nós choramos pelo Cão Tinhoso", podemos observar já uma primeira relação entre os dois textos. A dedicatória do mesmo não se dá apenas a Luís Bernardo Honwana, autor do conto, mas ultrapassa os limites do mundo real, já que é dirigida a uma personagem: "Para a Isaura..." (ONDJAKI, 2007, p.133), a única que realmente demonstra amor pelo cão tinhoso.

Para entendermos as imbricações entre os dois contos, é necessário, antes de qualquer coisa, nos deter a tais narrativas, desvelando para o leitor do que tratam.

O conto do moçambicano Honwana, "Nós matamos o cão tinhoso", conta a história de Ginho, um dos meninos da malta. Este e seus colegas, certo dia, são desafiados a matar um cachorro que circulava pelas bandas da escola, o cão tinhoso, mas o menino, embora não tivesse afagos com o animal, também não tinha a mínima vontade de exterminá-lo, afinal o bicho nunca lhe fizera mal, no entanto, pela pressão psicológica a que é submetido, acaba por participar da morte brutal do animal. O conto descreve a agonia, não apenas do animal, mas um misto de emoções entre os personagens Isaura e Ginho. De acordo com Gama, Khalil,

> Antes do assassinato do Cão propriamente dito, o leitor entra em contato com uma descrição minuciosa do animal, que acontece muito paulatinamente, através não só da descrição física do Cão, mas especialmente do olhar dos sujeitos sobre o Cão. O início da narrativa já revela o olhar de Ginho sobre ele e, como se pode verificar, é um jogo entre olhos e olhares, pois os olhos do menino incidem sobre os olhos do Cão (2011, 195).

Já o conto "Nós choramos pelo cão tinhoso", de Ondjaki, conta a história de Jacó, um aluno do 8ª série, que recebe a missão de ler em voz alta o final do conto de Honwana, e pior que isso, sem esboçar nenhuma emoção, algo praticamente impossível para ela, já conhecia a narrativa de outra série e sabia como era dolorosa a descrição do assassinado do cão tinhoso.

Analisando os dois contos, podemos compreender que as narrativas estão relacionadas. Enquanto em um se detalha o sofrimento de Isaura e de Ginho, pela execução do cachorro, o outro explicita também um sofrimento, o de Jacó, por de ter de ficar apático na hora da leitura oral, mesmo que estivesse com vontade de chorar.

Outras semelhanças nas obras também merecem destaque, conforme veremos a seguir:

1.1. Na sala de aula.

É no ambiente da sala de aula que começamos a compreender quem são os personagens de ambos os contos. Em "Nós matamos o cão tinhoso" observamos que a sala é mista e os alunos são maldosos e perversos com os que consideram mais fracos. Inclusive, até a professora tem uma postura grosseira quanto aos alunos, e aqui, especificamente, com Isaura, conforme observamos no trecho a seguir:

> A Senhora Professora zangava-se por ela não saber nada e dar erros na cópia, e dizia-lhe que só não lhe dava reguadas porque sabia que ela não tinha tudo lá dentro da cabeça. Quando ia para o estrado ler a lição não se ouvia nada e a gente dizia — «Não se ouve nada, não se ouve nada» —, e a Senhora Professora dizia que os meninos da quarta classe não tinham nada que ouvir. Então os meninos da segunda classe começavam a dizer: «Não se ouve nada, não se ouve nada». (HONWANA, 1985, p. 159).

No conto de Ondjaki, embora Jacó não participe de uma classe mista, já que se trata de uma 8ª série, os colegas apresentam uma postura semelhante à dos alunos do conto do moçambicano. Isso é observado tanto na forma de se alcunharem, de modo violento, quanto na repressão para que ninguém, àquela idade, demonstrasse emoção: "Foi no tempo da oitava classe, na aula de português... Eu já tinha lido esse texto dois anos antes, mas daquela vez a

estória me parecia mais bem contada com detalhes que atrapalhavam uma pessoa só de ler ainda em leitura silenciosa" (ONDJAKI, 2007, p.133).

De acordo com Maria Dal Farra,

> Manipulando também um ponto-de-vista infantil, o narrador do conto de Ondjaki é um menino da oitava série que nos narra a reação da sua classe durante a leitura do conto de Honwana... O menino prepara nosso coração para a leitura em voz alta, em voz pública que vai ocorrer, já então, na sala de aula. Uma verdadeira prova de resistência (2011, p.5).

De acordo com Cortês e Santos (2017), a escola, apresenta um ambiente que expõe as relações de poder em dois níveis: entre as crianças em oposição aos adultos, assim como, entre elas.

Ainda segundo as autoras, no conto de Honwana,

> há presença de mais dois espaços: clube e o matadouro, onde executam o cão, este entendido como a própria colonização, pois assim como o cachorro estava em degeneração, o império português estava em declínio em meados do ano de publicação da obra. (CORTÊS; SANTOS, 2017, p. 2).

Note-se que há um enredamento na construção do conto de Honwana que ultrapassa o ambiente escolar, atingindo, em cheio, o leitor da obra, neste caso, o aluno Jacó do conto de Ondjaki.

1.2. Imposição X Impotência

É perceptível na obra do moçambicano, que a pressão a que Ginho estava sendo submetido era além de matar um animal. Ali, tanto o cão tinhoso, como Isaura representavam o povo silenciado de Moçambique e Ginho, embora parecesse ter voz, também não conseguia ter autonomia em suas ações, conforme podemos observar:

> Só eu é que respondi: — Eu estou com medo — custou-me dizer aquilo porque mais ninguém estava com medo, mas foi melhor assim — Eu estou com medo, Quim... e eu com aquilo só tinha vontade de chorar ou de fugir com o Cão-Tinhoso, mas também tinha medo de voltar a sentir a corda a tremer de tão esticada, com o chiar dos ossos a querer fugir da minha mão, e com os latidos que saíam a chiar, afogados na boca fechada como ainda há bocado. Sim, eu nunca mais queria voltar a sentir isso (HONWANA, 1985, p.164).

Observe-se que o mentor do crime (O Doutor) passou a ideia ao Duarte, o veterinário, para que ele executasse o animal, mas este repassou a tarefa aos garotos da malta:

> Um dia, o Senhor Duarte da Veterinária veio ter conosco quando estávamos no Sá a contar filmes e anedotas e disse-nos: — O rapazes, tenho uma coisa para vocês. Claro que fomos todos atrás dele até ao muro da Veterinária. — Oiçam, ó rapazes, tenho uma coisa para vocês — repetiu — depois de se sentar ao alto do muro, com a malta em volta. — É mesmo uma coisa para a malta. Calou-se por um bocado e olhou para as nossas caras. «É uma coisa de malta, mesmo de malta (agora só olhava para as unhas com os olhos quase fechados por causa do fumo do cigarro). É coisa que eu com a vossa idade não deixaria de fazer, se me pedissem para fazer. Bem, vocês sabem, o Doutor mandou-me dar cabo de um cão, aquele, vocês conhecem-no, aquele que anda aí todo podre que é um nojo, vocês não o conhecem?... Ora bem, o Doutor mandou-me dar cabo dele. Bem, eu já o devia ter liquidado há mais tempo, mas o Doutor só me disse esta manhã. Bem, acontece que eu tenho visitas em casa e é bera estar agora a pegar em armas e zuca-zuca atrás de um cão, vocês compreendem, não é rapazes?... Mas eu nem me afligi porque pensei cá para comigo — que diabo, os rapazes estão sem fazer pêva e é para as ocasiões que a gente conta com os amigos — e pensei logo em vocês, porque já se vê, vocês até devem gostar de mandar uns tiritos, hem? Bem, calemse não digam mais, eu já sabia que vocês são malta fixe. Olhem rapazes, vocês pegam aí numa corda qualquer, procuram lá o cão e levam-no para o mato sem grandes alaridos e aí ferram-lhe uns tiritos nos cornos, que tal?... Está bem, está bem, calma, deixem-me acabar de falar... (HONWANA, 1985, p. 160).

O que nos chama atenção nas atitudes da malta é que, embora os meninos se achassem viris por tomarem aquela atitude, apenas demonstrava que não passavam de fantoches nas mãos dos poderosos, conforme Farra,

> Os agenciadores do crime são o Senhor Administrador e seu coadjuvante, o Doutor da Veterinária. O assistente político e veterinário desempenha uma função ambígua de zelador de bichos e de controlador de caça. Muito astucioso, ele acaba canalizando o pendor lúdico da criançada da escola contra o cão, invocando razões de higienização que, na verdade, são puramente de ordem ideológica, visto que o cão – assim mambembe, assim desprotegido, assim puído, assim marginal – não passa de metáfora dos colonizados. Deste modo, levar as crianças a matar o cão é endereçá-las a um suicídio inconsciente, a um morticínio, é fazê-las, alienadamente, oferecer-se em oferenda, em sacrifício ao colonizador. Trata-se de um rito de inteira subjugação a que as elas, na sua boa-fé e cegueira patética, não se dão conta. (FARRA, 2011, p.5)

Observe-se o desespero de Ginho para evitar o crime:

> — Quim, eu não quero dar o primeiro tiro... (Eles queriam que eu desse o primeiro tiro). — Anda lá, anda lá, não tenhas medo...
> — Sabes, Quim, é que eu não quero matar o Cão-Tinhoso... O meu pai é capaz de me bater quando souber... eu não quero, não...
> — Vamos, vamos, deixa-te dessas coisas, não sejas medroso... Já viram isto, malta, um de nós a borrar-se todo por causa do cão... E que eu não sei porque é que este tipo anda connosco se não é macho de verdade... Já viram?
> — Isso são desculpas, isso são desculpas... Tu não és macho, como a gente... Maricas! Não tens vergonha? Dá lá o tiro, anda...

> — Preto de merda! — Dispara, pá, não sejas medroso... Anda lá, não sejas medroso! — Medroso, me-dro-so! me-dro-so!
> — Eu não sou medroso! Já disse, não sou medroso! (HONWANA, 1985, p. 165)

Sobre a obra de Honwana, Farra afirma ainda que,

> É no conto de Honwana que a problemática espalhada pelas outras narrativas – a injustiça, a impotência, a miséria, a impossibilidade de expressão, o ditame de subserviência, a perseguição, o interdito e, enfim, todo o patético que se infiltra nessa situação deprimente do colonizado africano – vai explodir. E, o que é pior, vai atingir o leitor, situando-o de propósito num limite quase insuportável – reação que o conto de Ondjaki há de recolher e constatar e explorar ficcionalmente para nós, leitores, nos mesmos termos narrativos utilizados por Honwana (FARRA, 2011, p. 4).

Ainda de acordo com a autora,

> Ora, é essa impotência absoluta do leitor aquela que Ondjaki busca usar no conto que parodia o título de Honwana, e que já ostenta claramente em si a dor da leitura. Lembro que se intitula "Nós choramos pelo cão Tinhoso" – única reação que resta ao leitor de Honwana e que Ondjaki vai encarnar. Ora, nessa teia cultural e literária que me esforço por levantar, reparo que, de um lado, o moçambicano nos denuncia um crime, mas um crime de que seus personagens não se dão conta. E que, de outro, o angolano nos revela, através das mesmas estratégias narrativas do moçambicano, mas de maneira contrária, a compreensão absoluta do crime, ou seja: a decodificação de uma mensagem que não é apenas moçambicana e nem angolana – mas africana. E o ato literário se completa perfeitamente, pois, na interlocução entre o moçambicano e o angolano, o emissor ganha um receptor, ambos comungando do mesmo entendimento e da mesma cumplicidade acerca das suas nações e identidades – acercado mesmo e próprio continente. (FARRA, 2011, p.6)

A imposição é tanta, na obra de Honwana, que se estende até para os demais cães do conto, conforme podemos observar:

> Os outros cães ficaram um bocado a pensar no que haviam de fazer por ele estar a olhar para eles daquela maneira. E que o Cão-Tinhoso queria ir meter-se com eles. Depois o cão do Senhor Sousa, o Bobí, disse qualquer coisa aos outros e avançou devagar até onde estava o Cão- Tinhoso. O CãoTinhoso fingiu não ver e nem se mexeu mando o Bobí lhe foi cheirar o rabo: olhava sempre em frente. O Bobí, depois de ficar uma data de tempo a andar em volta do Cão-Tinhoso, foi a correr e disse qualquer coisa aos outros — o Leão, o Lobo, o Mike, o Simbi, a Mimosa e o Luiu — e puseram-se todos a ladrar muito zangados para o Cão-Tinhoso. O Cão-Tinhoso não respondia, sempre muito direito, mas eles zangaram-se e avançaram para ele a ladrar cada vez mais de alto. Foi então que **ele recuou com medo, e voltando-lhes as costas, veio para a Escola, com o rabo todo enfiado** (HONWANA, p. 1985, p.145, grifo nosso).

Observe-se, inclusive, que todos os animais têm nomes fortes ou nomes próprios, diferentemente do cão tinhoso.

Quanto à obra de Ondjaki, o desespero de Jacó é para que a aula acabe e aquele “nó na garganta” seja desatado.

> O céu ficou carregado de nuvens escurecidas. Olhei lá para fora à espera de uma trovoada que trouxesse uma chuva de meia-hora. Mas nada. [...]O Olavo avisou: "**quem chorar é maricas então**!" e os rapazes todos ficaram com essa responsabilidade de fazer uma cara como se nada daquilo estivesse a ser lido.
> Ao me escolher para ser o último a fechar o texto, e eu estava vaidoso dessa escolha, o último normalmente era o que lia já mesmo bem. Mas naquele dia, com aquele texto, ela não sabia que em vez de me estar a premiar, estava a me castigar nessa responsabilidade de falar do Cão Tinhoso sem chorar.
> - Camarada professora - interrompi numa dificuldade de falar. - Não tocou para a saída?
> Ela mandou-me continuar. Voltei ao texto. Um peso me atrapalhava a voz e eu nem podia só fazer uma pausa de olhar as nuvens porque tinha que estar atento ao texto e às lágrimas. Só depois o sino tocou. Houve um silêncio como se tivessem disparado bué de tiros dentro da sala de aulas. Fechei o livro.
> Olhei as nuvens.
> Na oitava classe, era proibido chorar à frente dos outros rapazes. (ONDJAKI, 2007, p. 135, grifo nosso).

A respeito do conto de Ondjaki, Farra acrescenta:

> Chorar, no entanto, pelo cão Tinhoso, como diz o título do conto de Ondjaki, é ir mais longe: é tomar consciência, pelo menos sentimentalmente, da injustiça e da impotência a que estavam submetidas. É chorar também por aquela anterior linhagem de crianças que não possuía (e não podia possuir), como esta, uma atitude crítica diante da realidade – passo que leva os atuais leitores, os do tempo de Ondjaki, muito mais adiante do que aqueles de Honwana – porém (e este dado é fundamental!), graças a Honwana (FARRA, 2011, p.10).

A esse respeito, podemos dizer que os textos se imbricam não apenas quanto aos aspectos estruturais, mas estabelecem também uma relação identitária, pois comungam de um sofrimento único: o do povo africano.

1.3. Sentimento de afeto pelo Cão tinhoso

Em ambos os contos, apesar de toda a desconstrução do animal como um ser feio, doente e marginalizado, os protagonistas demonstram um carinho por ele. nO entanto, embora Ginho, personagem de “Nós Matamos o Cão Tinhoso” só venha assumir esse sentimento

quando pressionado pela malta: “É que eu sou um bocado amigo do cão e é chato ser eu a dar o primeiro tiro...” (HONWANA, 1895, p.160).

De fato, quem é apresentada inicialmente como a cuidadora do animal é mesmo Isaura: “Ninguém gostava de lhe passar a mão pelas costas como aos outros cães. Bem, a Isaura era a única que fazia isso” (HONWUANA, 1985, p.159).

Na obra de Onjaki isso é evidenciado em na fala de Jacó:

> No início, o texto ainda está naquela parte que na prova perguntam qual é e uma pessoa diz que é só introdução. Os nomes dos personagens, a situação assim no geral, e a maka do cão. Mas depois o texto ficava duro: tinham dado ordem num grupo de miúdos para bondar o Cão Tinhoso. Os miúdos tinham ficado contentes com essa ordem assim muito adulta, só uma menina chamada Isaura afinal queria dar protecção ao cão. O cão se chamava Cão Tinhoso e tinha feridas penduradas, eu sei que já falei isto, **mas eu gosto muito do Cão Tinhoso** (ONDJAKI, 2017, p. 133, grifo nosso).

A partir das descrições somos levados a também tomar partido pelo animal, porque afinal é perceptível que ele é, antes de qualquer coisa, uma vítima. E mais ainda, compreendemos que não apenas o cão, mas também Isaura, representam o oprimido. Enquanto o cão tinhoso é descartável, Isaura é rotulada de bobinha, “só não lhe dava reguadas porque sabia que ela não tinha tudo lá dentro da cabeça” (HONWANA, 1985, p. 159).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da leitura dos contos, podemos concluir que os textos se imbricam de tal forma que se completam num misto de sentimentos que atingem o narrador-menino numa mescla de terror, medo e tristeza. Mais que isso, na leitura que fazemos dos contos, nós também sentimos a angústia, tanto por ver o menino Ginho na tentativa de fuga daquela ação perversa, matar o cão tinhoso, o que representa a opressão do colono sobre o colonizado, bem como, a angústia do Jacó, ao ser escolhido para ler o conto em voz alta, sem poder demonstrar fraqueza: chorar.

De acordo com Gama-Khalil,

> O conto do autor angolano Ondjaki, “Nós choramos pelo Cão Tinhoso” (2009), apresenta dialogismo e intertextualidade com o conto de Honwana tanto pelo fato de constituir-se como uma narrativa sobre o ato da leitura quanto sobre as implicações desse ato na constituição de subjetividades dos sujeitos leitores. (GAMA-KHALIL, 2011, p.194)

Podemos concluir que os textos apresentam aspectos estruturais semelhantes, tais como, o fato de serem contos, de terem como pano de fundo a sala de aula e de apresentarem personagens de atitudes perversas (meninos da malta e alunos da sala de aula). Além disso, embora na obra de Ondjaki não haja uma representação clara da subserviência do povo angolano, o autor toma partido pelo povo moçambicano, que passou por um processo de colonização violento.

A esse respeito Farra acrescenta:

> E é assim que, também nesta interlocução literária, uma geração dialoga com outra apontando a proeminência do aprendizado que recebeu da anterior. Daí que, tanto quanto as palavras, as obras literárias possuam lastros que permitem que elas sejam, a cada estirpe, vasculhadas, a fim de serem redescobertas e atualizadas por seus leitores (FARRA, 2011, p.10).

A leitura dos textos amplia ainda mais a nossa visão sobre a atemporalidade da literatura, não só porque o conto de Honwana atinge direto o leitor de "Nós choramos pelo cão tinhoso", mas porque, antes de tudo, nos atinge, nos choca e mesmo assim está viva.

REFERÊNCIAS

CORTÊS, D. L. A.; SANTOS, J. C. N. **Memória e identidade em Honwana e Ondjaki**: uma análise intertextual. 69ª Reunião Anual da SBPC - 16 a 22 de julho de 2017 - UFMG - Belo Horizonte/MG. Disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/69ra/resumos/resumos/2950_1038ea2b78e89c3196a2714afbdb.3ce0e.pdf. Acesso em 22 ago 2018.

FARRA, Ana Maria Dal. Em torno da atual literatura africana de expressão portuguesa. In: Nau Literária: crítica e teoria de literaturas. PPG-LET-UFRS. Vol. 07. Jan/jun 2011.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. Memória e espacialidades reais e ficcionais em "Nós choramos pelo cão tinhoso", de Ondjaki. Disponível em http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/8214. Acesso em 22 ago 2018.

HONWANA, Luís Bernardo. Nós matamos o Cão Tinhoso. In: SANTILLI, Maria Aparecida (Org.). **Estórias africanas**: História e antologia. São Paulo: Ática, 1985.

ONDJAKI. **Os da minha rua**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.